



***SENTIMENTO DO MUNDO, A POESIA SOCIAL DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE NO CONTEXTO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL***

Suzana Costa da Silva<sup>1</sup>

O livro *Sentimento do Mundo* (1940) de Carlos Drummond de Andrade aplica-se inteiramente ao homem, ao indivíduo cheio de frustrações e anseios, não obstante confronta o texto individual à coletividade e mantém o cuidado de expressar, não apenas o sentimento de um, mas de um mundo inteiro como nação, sociedade. Desta maneira, compreende-se a complexidade das poesias Drummondianas que se encontra em um profundo dilema entre o ser individual e o coletivo, entre os problemas pessoais e do mundo. A temática persiste durante todo o livro e resgata a genialidade de um poeta que vive e sente suas dores como qualquer outro homem naquele momento.

A poesia de Carlos Drummond de Andrade é de toda realista; portanto a forma mais simples de interpretá-la é não só compreender seu subjetivismo, mas perceber o papel prático e objetivo que sua poesia emite.

Toda aquela angústia e tensão possíveis em conflitos mal resolvidos podem ser notadas em poemas como *Os ombros suportam o mundo* quando é dito:

“Chegou um tempo em que não adianta morrer/ chegou um tempo em que a vida é uma ordem/ a vida apenas, sem mistificação” e em *A noite dissolve os homens* nos versos: “a noite anoiteceu tudo.../ o mundo não tem remédio.../ os suicidas tinham razão (ANDRADE, 1977, p.55).

A visão do eu - lírico nessa obra apresenta um teor pessimista, porém o aspecto social é abordado de maneira explícita, contestando a comodidade dos homens fracos e a tranquilidade dos poderosos.

O poeta perde o sentimento de superioridade perante o mundo presente nas fases iniciais de sua poesia e interioriza em *Sentimento do Mundo* o tempo e o espaço em que se encontra. O lirismo, antes vivido pelo poeta em suas composições, transforma-se em menosprezo do próprio ser, o eu - lírico sente-se diminuto, inferiorizado, pequeno diante das atrocidades do mundo. Deixa de ser “Maior que o Mundo”, como ocorre entre 1923-1930 em *Poema de sete faces* “mundo,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e professora de Literaturas na Unigranrio.



mundo, vasto mundo/ (...) mais vasto é o meu coração.” (ANDRADE, 1977, p.3). E passa a ser “Menor que o Mundo”, contrariando os versos do poeta árcade Tomás Antônio Gonzaga em *Marília de Dirceu*: “—Eu tenho um coração maior que o mundo, tu, formosa Marília, bem o sabes (...)”. E Drummond retoma os versos, como pode ser visto em *Mundo Grande*: “Não, meu coração não é maior que o mundo/ É muito menor” (CASTELLO, 2004, p.247).

O tempo em *Sentimento do Mundo* é basicamente o reflexo do futuro, carregado pelo peso da tragédia do momento presente. A Segunda Guerra Mundial, a ascensão do Nazismo e Fascismo na Europa e as ameaças do Estado Novo no Brasil contribuem ainda mais para uma poesia legitimada de Guerra. A expectativa de um futuro melhor e a apreensão do presente tornam o ser menos individual e mais coletivo. Homens diferentes compartilham dores iguais e somente juntos poderão alcançar a sobrevivência e libertar-se do caos: “Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas” (ANDRADE, 1977, p.55)

O tempo verbal no futuro aparece para situar o que ainda está por vir, o presente todos conhecem, o futuro, entretanto, é um mistério. A morte, a utopia, a vitória são apenas presságios do eu - lírico Drummondiano e o tom muitas vezes apocalíptico de que se compõem as suas poesias cria, na visão do leitor, grandes tendências ao medo e à angústia que aos poucos se desconstrói, quando cresce a esperança no coração dos homens e revela: “— Ó vida futura! nós te criaremos” (ANDRADE, 1977, p.61).

Nesse processo de tempo e espaço a poesia se constrói e de vocábulo em vocábulo Drummond especifica o contexto em que a realiza. Seja na dúvida do ser humano consigo mesmo, nas angústias, nos medos na problemática do mundo e na esperança de um caminho novo e mais justo. A presença da burguesia também se faz presente na obra *Sentimento do Mundo*. A hipocrisia e o descaso abordados pelo autor são marcas de uma classe burguesa dominante.

Drummond esclarece a visão burguesa da época: enquanto o mundo está destruído e dilacerado pelos conflitos, o homem burguês contempla o mar da cobertura de seu edifício, seguro e protegido apenas (e não somente) pela condição social em se encontra. Finge não ver a miséria e a desgraça e abstrai tudo o que não lhes diz respeito.

O *gauche* surgido anteriormente em *Alguma Poesia*, o primeiro livro de poesias de Carlos Drummond de Andrade, ressurgiu em *Sentimento do Mundo* como espectador, o ser indefeso, incapaz de mover-se à luta. Um indivíduo preso aos conflitos do mundo e aos seus próprios conflitos. O homem torto é na realidade, o anti-herói, o homem comum, nem superior, nem inferior, mas aquele que sofre e teme como qualquer outro e que aos poucos conquista seu lugar no mundo.



O mundo nessa obra não se resume apenas ao sentimento dos povos e às dores do indivíduo, mas ao seu lar, é o refúgio, a fuga dos problemas, o mundo é grande como deve ser o coração dos homens. O que o autor pretende, portanto, é mostrar que o mundo, além de toda a desgraça e miséria ainda é o lar dos homens, ainda há esperança de atingir um lugar pleno e pacífico, mesmo que seja em um futuro longínquo e desabitado.

Nesse contexto viveu a poesia social de CDA, um poeta frente a seu tempo, capaz de visualizar as consequências antes mesmo das causas. *Sentimento do mundo* trouxe à Literatura o aspecto da poesia de guerra, o sentimento de perda, de luta, de esperança em uma visão realista e inquietante desse grande autor.

O homem tímido de Itabira do Mato Dentro deixa de sê-lo e passa a ousar e desbravar todas as possibilidades de revolta, de angústia por entrelinhas de sua firme e transformadora poesia. E em suas palavras, expõe a visão da guerra em um mundo caduco: “... não vejo porque a guerra, por mais horrorosa, tremenda e destruidora, baste para modificar o mundo errado de hoje” (BRAYNER, 1978, p.32).

Nessa visão, Drummond acredita na luta moral, a luta vã como chamaria mais tarde no poema *O Lutador*, essa luta com palavras, capaz de modificar o próprio homem sem o sangue doce que escorre e colore as pálidas faces da aurora nem a “casa feita de cadáveres” (ANDRADE, 1977, p.58) “em um amanhecer mais noite que a noite” (ANDRADE, 1977, p.45), mas a luta com ele mesmo, contra o egocentrismo e a hipocrisia e a ambição que o torna cada vez mais desumano.

Nenhum sacrifício será suficiente quando se tem “somente a contemplação de um mundo enorme e parado” (ANDRADE, 1977, p.62). São contradições visíveis e invisíveis na perspectiva de *Sentimento do Mundo*. Na ótica de Drummond, entretanto, seria necessário outro caminho que lhe “trouxesse melhores condições de vida, habitação, cultura, subsistência para todos os homens (...).”. E acrescenta: “Penso que se esse após guerra não nos trazer o nivelamento (...) o sacrifício de milhões de moços foi perdido”. (BRAYNER, 1978, p.32, 33). Enquanto a guerra for de ego e de poder será apenas uma preparação para várias outras que certamente existirão. E a burguesia formada por bem-pensantes mergulhados em uma felicidade incompreensível diz em uníssono: “Sabemos que nada nos acontecerá” (ANDRADE, 1977, p.50) e em seu mundo pacífico termina: “Podemos beber honradamente nossa cerveja.” (ANDRADE, 1977, p.62). O poeta *gauche*, mas de valores e princípios inestimáveis, explora nas temáticas de guerra toda sua dignidade de ser humano torto que é, como todos, afinal.

*Sentimento do Mundo* é o resultado de uma interpretação da realidade permitida a todos, porém visível a poucos. Toda essa codificação de um mundo real é vista sobre a ótica sensível e equilibrada de um homem que só tentou fazer o melhor que lhe foi dado produzir.



Dentre as 28 poesias presentes no livro *Sentimento do Mundo* (1935-1940) há muitas destinadas à temática da guerra, que por si só apresentam diversas possibilidades de exploração e contexto com o mundo real. *Sentimento do Mundo*, por exemplo - poema título do livro - apresenta todo o pesar da humanidade em um único indivíduo. Chocado e amedrontado com a situação, lamenta-se não ter sido avisado sobre a guerra. Sozinho em um mundo inóspito entende que é tarde demais, pois não lhe resta nada senão as “duas mãos e o sentimento do mundo” (ANDRADE, 1977, p.45). Arrepende-se por não ter prestado atenção ao semelhante, pede perdão e conscientiza-se que estará sozinho diante de corpos e recordações.

Em *Congresso Internacional do Medo* o autor define o medo como o fator de maior grandeza que qualquer outro sentimento, não há amor ou ódio, apenas o medo, dos ditadores, dos democratas, dos soldados, da morte. Na concepção de Drummond o medo está em tudo o que é novo e em todos que não se permitem vencê-lo: “depois morreremos de medo/ e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas”. (ANDRADE, 1977, p.49).

Enquanto em *Congresso Internacional do Medo* “provisoriamente não cantaremos o amor” (ANDRADE, 1977, p.49) em *Os ombros suportam o mundo* “o amor resultou inútil”, pois “o coração está seco” (ANDRADE, 1977, p.55) são marcas e consequências da guerra. A esperança se esvai em ombros que suportam um mundo ou o que restou dele e “ele não pesa mais do que a mão de uma criança” (ANDRADE, 1977, p.55). Este tempo de absoluta depuração representa o momento de crise do homem e do mundo diante falta de expectativas futuras. O legado deste homem é continuar a viver, viver apenas, pois a vida, neste momento é uma ordem, assim como os Regimes totalitários.

*Mãos Dadas*, não constitui, necessariamente, um “poema de guerra”, mas apresenta traços importantes para compreendê-la. Este mundo caduco vivido pelo eu-lírico é a grande marca do período entre guerras. A incapacidade de mudanças e inovações, sejam elas na literatura, na cultura ou mesmo na sociedade, expressam a necessidade de apoiar-se em algo concreto, presente, atual. Sem referências ao passado (mundo caduco) e nem interesse ao que irá acontecer (mundo futuro) o poeta prende-se ao momento presente e nele constrói a esperança da união e solidariedade.

Os companheiros, ainda sim permanecem taciturnos, mas o eu-lírico os chama a dar as mãos e deslumbrar quão grande é a realidade presente. Não tem a intenção de representar o passado, nem mesmo esperar o futuro, mas sentir-se preso à vida, com os demais. E explica “o tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes / a vida presente” (ANDRADE, 1977, p.55).



Nesse contexto do tempo presente, Drummond expõe a importância de a sociedade permanecer firme e unida frente aos conflitos do mundo. É um tempo em que, deveras, não se deve remeter ao passado para buscar soluções e o futuro é incerto demais para fazer planos, logo se apega à vida e ao momento atual, como forma de introspecção e compreensão da própria natureza humana.

No poema *A noite dissolve os homens*, dedicado a Cândido Portinari, o autor utiliza-se de diversos recursos estilísticos para descrever a morte e a vida. A Noite é o “frame” do contexto linguístico, aquele vocábulo estático que engloba todos os outros de mesmo campo semântico.

Em Carlos Drummond de Andrade é comum o antropomorfismo, logo há a humanização da morte, em síntese, ocorrem muitas prosopopeias ao longo do texto. Como “A noite dissolve os homens”, “a noite desceu, a noite caiu” (ANDRADE, 1977, p.57). Semanticamente o valor da palavra “noite” é negativo, pois representa um mundo perdido, sem esperança. A angústia de um povo, toda a escuridão na vida de um indivíduo, a presença do regime totalitário do mundo nazifascista, nesses contextos a noite seria a própria guerra em sua atuação sombria que “espalhou o medo e a total incompreensão” (ANDRADE, 1977, p.57). E ainda no poema surge a “aurora” como um resgate do homem, um refúgio daquele mundo sem remédio. Embora tímida, a aurora surge trazendo a alegria e a esperança aos homens. Esse dia que surge após uma noite dissolvente é o fim da guerra, “o triste mundo fascista se decompõe” (ANDRADE, 1977, p.57).

Esse poema é repleto de metáforas e discute principalmente a reificação do homem, de sua impotência diante do mundo. O início é constante de palavras duras e tristes onde o medo e a angústia prevalecem. Ao final surgem palavras de esperança e levam o leitor a sentir a leveza da paz quando “as mãos dos sobreviventes se enlaçam” ou “um perdão simples e macio” (ANDRADE, 1977, p.58) faz nascer a tão esperada e desejada aurora.

*Madrigal Lúgubre* é o típico poema de guerra, pois desperta ao leitor os desejos e frustrações de um sobrevivente de batalhas que faz críticas a uma sociedade burguesa sob o ponto de vista ilusório e marginalizado pela realidade. No primeiro verso o poeta cita “uma casa feita de cadáveres” (ANDRADE, 1977, p.58) que, metaforicamente, seriam o mundo burguês e os capitalistas desmedidos a explorar a raça humana fisicamente e moralmente. O Madrigal remete à ideia de vida bucólica, em um contexto pacífico e amoroso, entretanto o poema é marcado por traços lúgubres e grotescos que oferecem feições funéreas. Em todo o texto, o eu-lírico encantado pela donzela narra fatos vividos e vistos na guerra. Com um profundo tom irônico e, concomitantemente crítico, Carlos Drummond de Andrade assume a desconstrução de uma classe dominante, representada metonimicamente pela princesa. A Burguesia é combatida firmemente pelo autor que apresenta os feitos hegemônicos e exploradores da dignidade humana.



O castelo em que reside a donzela nada mais é do que o próprio mundo capitalista a se instalar no país com toda força dos regimes totalitários. A fuga deste mundo velho é a crítica avassaladora a todo o Sistema, ao Estado e ao Regime Ditatorial. E acrescenta: “Enquanto fugimos para outros mundos, / que este está velho, velha princesa, / palácios em ruínas (...)” (ANDRADE, 1977, p.59), fornecendo a imagem de declínio de um mundo hegemônico, detentor do poder. E a velha princesa seria, definitivamente, o fim da burguesia hipócrita dos tempos de crise. Um novo tempo surgiria, pois o eu-lírico traz o despertar para novas possibilidades, agora mais reais. O novo momento histórico nasceria diante da mobilização dos povos. A esperança representada pelo seguinte verso: “o chão está verde de lagartas mortas” (ANDRADE, 1977, p.59) iria entrar na história de um povo. Seria o fim das iniquidades sociais, bastaria apenas sonhar e desejar, mesmo que em um futuro utópico: “Adeus, princesa, até outra vida.” (ANDRADE, 1977, p.59).

Os poemas já chamados de guerra contrariam *Lembranças do Mundo Antigo*, a priori. Em uma rápida análise e visualização parece transbordar tranquilidade e, pacificamente, é construído sob a leveza e a minuciosa escolha de palavras, feito por Drummond. Toda essa leveza de conteúdo esconde nas entrelinhas a crise do mundo, os verdadeiros temores dos homens sob uma visão idealizada. Cada verso mencionando a personagem “Clara” transmite o devaneio do poeta. Uma criança que vive em um mundo de sonhos, ou seria o próprio mundo real que um dia houve?

*Lembranças do Mundo Antigo* é mais uma construção de Drummond através de duplos sentidos. Esse tempo é um tempo antigo, passado, entretanto contado e lembrado no momento presente do autor. Ao comparar a vida de Clara à atualidade vivida em *Sentimento do Mundo*, o poeta apresenta uma série de fatores que os diferenciam: o “guarda civil sorria” (ANDRADE, 1977, p.59) remetendo aos militares do Totalitarismo e da opressão dos anos 40; “A Alemanha, a China, tudo era tranquilo ao redor de Clara” (ANDRADE, 1977, p.59) quando se compreende o verdadeiro período constituindo-se na II Guerra Mundial e o mundo estava longe de sentir mais uma vez toda essa tranquilidade; “As crianças olhavam para o céu: não era proibido” (ANDRADE, 1977, p.59) quando, no Estado Novo, a censura rodeava os indivíduos de perto à procura do mínimo que o pudesse proibir. O autor finaliza com: “Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!”, (ANDRADE, 1977, p.59) quanto espantoso é a aurora para o eu-lírico nesse verso. Metaforicamente, a esperança e a vida são representadas pela manhã, a simples manhã em que a menina passeava pelos jardins, ao poeta significa a enigmática da existência de uma manhã, só mais uma, como as tantas daquele mundo antigo. Mundo este denominado “caduco” tanto



em *Mãos Dadas* quanto *Elegia 1938* que o poeta itabirano descarrega sua insatisfação com o tempo passado e um mundo antiquado.

*Elegia 1938* apresenta o “estar preso ao passado” e acomodado à problemática do país. A visão de um observador constrói um monólogo reflexivo. O uso do imperativo afirma ainda mais a posição de ordem de autor-expectador, que visualiza os problemas como se fizesse parte daquele contexto. Aconselha em diversos momentos ao personagem da narrativa, representando todos os homens, a humanidade em si o despertar para a vida em um novo mundo, entretanto o acordar para a realidade não é tão simples por isso recomenda “adiar para outro século a felicidade coletiva” (ANDRADE, 1977, p.60).

Como aceitar que a alienação das massas e o comodismo da maioria não influenciem na luta de poucos indivíduos? A escolha é dada pelo autor: ou se deixa levar pela correnteza ou nada sozinho contra ela, “Porque não podes sozinho dinamitar a ilha de Manhattan” (ANDRADE, 1977, p.60).

Em *Mundo Grande* o poeta apresenta-se pequeno diante do mundo, incomunicável diante dos homens, impotente diante de si mesmo. Esse grande mundo representa suas dores, suas angústias, seus muitos sentimentos dentro de um coração diminuto e já quebrantado.

Nos versos “Não, meu coração não é maior que o mundo / é muito menor / nele não cabem nem as minhas dores” (ANDRADE, 1977, p.60) o eu-lírico pretende, antes de tudo, expor-se à realidade, pois percebe a necessidade de conquistar seus semelhantes e chamá-los à luta: “por isso frequente os jornais, me exponho cruamente nas livrarias: preciso de todos” (ANDRADE, 1977, p.60). Existe a necessidade de autodeclaração e sendo um mundo tão grande com corações tão pequenos, o homem encontra-se perdido frente ao tempo e espaço em que vive. Esse pobre coração de homem nada compreende e nada pode fazer para se engrandecer. Contempla as diferentes cores, as diferentes dores, as diversas angústias que em um só peito é impossível que se instale.

O *gauche* de *Sentimento de Mundo* permanece estático em um espaço enorme e hostil, procura as respostas que o coração não sabe: “Estúpido, ridículo e frágil é o meu coração” (ANDRADE, 1977, p.61). Permanece na solidão e perde-se dentro de si “nunca escutei voz de gente / em verdade sou muito pobre” (ANDRADE, 1977, p.61). A pobreza de espírito que assola o indivíduo o faz refletir sobre a própria sobrevivência. Entre os que ficaram à mercê da Ditadura e os que buscaram o exílio em ilhas distantes. Os que restaram do totalitarismo são homens indefesos, pequenos neste mundo grande. Dos que fugiram às ilhas somente alguns poucos sobreviventes retornaram para contar o que todos previam: “de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias / entre o fogo e o amor” (ANDRADE, 1977, p.61). Desta forma, não



há esperança no momento presente como acreditava Drummond. Chega um tempo em que o presente deve virar passado e que viver para o futuro é imprescindível. E se o mundo pode crescer cada dia mais, o coração também pode. “Meu coração cresce dez metros e explode. / Ó vida futura! Nós te criaremos” (ANDRADE, 1977, p.61).

Em *Noturno à janela do apartamento* o indivíduo vive a dualidade entre a vida e a morte tão presente nos poemas de guerra escritos por Carlos Drummond de Andrade. O suicídio, fato tão presente em tempos de crise, marca o poema e leva o leitor a uma angustiante gradação de pensamentos sob o aspecto da janela do apartamento, mergulhado na escuridão. Apenas o vento toca aquele ser solitário sem lembranças, sem saudades, sem expectativas. O que lhe resta é “somente a contemplação / de um mundo enorme e parado” (ANDRADE, 1977, p.62).

Drummond em *Noturno à janela do apartamento* apresenta a realidade do ponto de vista depressivo, alheio à tranquilidade da burguesia e ao medo da sociedade. Importa-se somente com seu tempo, sua angústia, trazendo à poesia e ao leitor o mesmo teor semântico sentido pelo eu-lírico. Uma poesia desgastante, mas de grande maturidade psicológica que transborda sentimentos sem parecer inverossímil. Esse poema encerra o livro *Sentimento do Mundo*, deixando ao leitor a dúvida presente a todo o momento nas entrelinhas sobre o desfecho da situação e tirar as próprias conclusões: “Triste Farol da Ilha Rasa” (ANDRADE, 1977, p.57).

Em toda a obra *Sentimento do Mundo* o homem tem a consciência do mundo em que vive, entretanto não deixa de lado o sentimentalismo, procura ser forte frente ao legado que lhe resta, sem deixar de sentir as consequências e o pesar dessa guerra em suas lutas futuras.

No poema *Sentimento do Mundo*, o eu-lírico mostra-se impotente diante de um mundo enorme e hostilizado pelas atrocidades dos homens e da guerra. Perde-se dentro de si e sensibiliza-se pelos demais como um mero observador que analisa os acontecimentos de um terceiro plano e nada pode fazer para modificar essa situação, a não ser sofrer por eles.

O personagem solitário lamenta-se por sentir todo o peso do mundo e não ter nada mais que duas mãos: “Tenho apenas duas mãos/ e o sentimento do mundo.” (ANDRADE, 1977, p.45). Pede desculpas aos companheiros e só lhe resta aguardar, entre mortos e feridos, o amanhecer: “esse amanhecer /mais noite que a noite.” (ANDRADE, 1977, p.45).

As mãos e o tempo em Drummond apresentam uma forte simbologia, que pode ser vista com grande intensidade no poema *Mãos Dadas*. Enquanto o eu-lírico de *Sentimento do Mundo*, supracitado, desola-se por ter “apenas” duas mãos e nada mais a oferecer, o eu-lírico de *Mãos Dadas* não precisa de nada além das mãos. Pois com elas é que a união se faz presente, convidando os companheiros a uni-las em sinal de solidariedade aos demais: “O presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas” (ANDRADE, 1977, p.55).





Toda a necessidade de ajudar e produzir um sentimento de solidariedade entre os homens, quando todo o resto se esfuma, é que caracteriza esse poema como o representante da Literatura social de *Sentimento do Mundo. Mãos Dadas* constitui ao mundo uma lição de que a vida é agora, e nem o passado glorioso ou trágico e um futuro incerto podem valer mais do que o momento presente: “O tempo é a minha matéria, do tempo presente, os homens presentes, a vida presente” (ANDRADE, 1977, p.55).

Dentro da obra estudada permite-se fazer diálogos entre poemas de uma mesma temática, como, por exemplo, *Mãos Dadas* e *A noite dissolve os homens*, pois ambos retratam a solidariedade dos homens, contudo em contextos distintos.

O primeiro na esperança de construção de um mundo presente justo e melhor do que foi no passado. Homens de todas as raças e ideais juntam-se em mãos dadas em um gesto humano de ajuda mútua, pois somente desta forma atingirão um tempo presente digno de ser vivido.

Enquanto no segundo retrata os sobreviventes de um mundo destruído repleto de medo e incompreensão. A noite que “anoitece” os homens, os sentimentos, as vitórias e a esperança. E eis que diante de tanta tragédia restarão pessoas se recompondo, meros e poucos sobreviventes das trevas noturnas enlaçando as mãos em sinal de esperança, a última, mas ainda sim existente: “O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes se enlaçam” (ANDRADE, 1977, p.58). E Prontos para mais uma aurora, completam: “Havemos de amanhecer.” (ANDRADE, 1977, p.58).

Toda a preocupação fraterna que Drummond aplica nos poemas mencionados não deve ser analisada de forma leviana e pré-conceituada, pois no período de guerras toda a solidariedade é encarada como um traço do desgaste da condição humana. Homens devem manter-se fortes, sozinhos com seus sofrimentos e suas dores, pois se impede o companheirismo, a ajuda mútua. Logo a comodidade de cidadãos alienados torna-se a arma de um governo Totalitário e Ditatorial.

A dificuldade de compreensão da fraternidade universal acontece no poema *O Operário do Mar*. Quando um mero operário dirige-se ao mar pisando firme e decididamente ignora fios telegráficos que não passam despercebidos pelo olhar observador do poeta, contemplando cada passo do cidadão, curiosamente: “-Para onde vai ele?” (ANDRADE, 1977, p.45) indaga-se o observador entre suas divagações e a lucidez do outro.

Dentre todas as diferenças dos personagens o único traço peculiar naquele momento é o abismo existente entre eles. O abismo que se forma pela classe social, pela raça, pela crença e pela simples ignorância de ser humano: “Teria vergonha de chamá-lo de meu irmão” (ANDRADE, 1977, p.48).



Mesmo o modelo ditatorial chamado “Populismo” busca aproximar as classes. E convida, não a se misturarem, mas a se conhecerem. Ideologias opostas podem conviver, mas até que ponto permanecem intactas?

O poeta enquanto formador de opinião e resolvido com seus ideais passa a se sentir inútil e incompreensível diante do poder de escolha de um simples operário: “Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios” (ANDRADE, 1977, p.48).

Estaria o poeta santificando e fortalecendo o homem somente por desconhecer e recusar o populismo desmedido? E, por fim, após eternos minutos de silêncio e observação, um sorriso rompe o constrangimento do olhar. E finaliza o poema com a seguinte pergunta: “Quem sabe se um dia o compreenderei?” (ANDRADE, 1977, p.48).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade / seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico por Rita de Cássia Barbosa*. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. 8. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1977.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de Filosofia*. 1.ed. São Paulo : Moderna, 1992. 232p. Cap.1. p.36-7.

BAUMAN, Zygmund. *Vida Líquida*. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

BLANCHOT, Maurice. *O espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BORNHEIM, Gerd. *Curso de Filosofia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAYNER, Sônia. *Carlos Drummond de Andrade: coletânea organizada por Sônia Brayner*. 2.ed, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500-1960)*. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

PAZZINATO, Alceu Luiz. *História Moderna e Contemporânea*. 10. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de época na literatura*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1994.

RICARDO, Cassiano. *Poesias Completas*. 1.ed. São Paulo: José Olympio, 1957.

SANT’ANNA, Afonso Romano de. *Carlos Drummond de Andrade: análise da obra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultura, 1973.

TELES, Gilberto Mendonça. *Drummond – a estilística da repetição*. 2. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1976.